



CARTILHA

ECO

NOMIA

SOLI

DÁRIA



Prezados alunos,

Esta cartilha foi elaborada especialmente para apresentarmos a vocês alguns princípios da economia solidária. Para torná-la mais dinâmica, adotamos o formato de histórias que possam auxiliá-los durante a aplicação das oficinas. Dessa forma, procuraremos sensibilizar todos vocês para a importância da cooperação e não do individualismo, para buscarmos o bem-estar de todos e não apenas o nosso, para respeitarmos a natureza, extraindo dela apenas o que precisamos para sobreviver sem agredi-la e, enfim, para vivermos numa sociedade onde todos possam ter oportunidade de estudar, trabalhar e viver com qualidade. Esperamos que este material seja um meio a mais de reforçarmos o nosso objetivo: fazer da sala de aula um espaço onde prevaleça a coletividade e a sua participação na construção do conhecimento.

Ana Cristina Brito Arcoverde
Delânio Horácio dos Santos
Michelle Rodrigues de Lima

REVISÃO DE TEXTO

Silvia Elizabete Figueira Ramos

ILUSTRAÇÕES E DIAGRAMAÇÃO

Ildembergue Leite

Economia Solidária

A Economia Solidária pode ser definida como um jeito diferente de produzir, vender, comprar e trocar o que é preciso para viver. Nessa economia não existem mais exploradores e explorados, pois ninguém pretende levar vantagem sobre os outros e muito menos gerar riquezas através da destruição da natureza.

A base da economia é formada pelas relações de cooperação, pelo fortalecimento do grupo e das comunidades, sem patrão nem empregado, e todos pensando no bem de todos e no seu próprio bem¹.

1 Economia Solidária – Outra economia acontece! Cartilha da Campanha Nacional de Mobilização Social. CECIP – Centro de Criação de Imagem Popular. 2006

Juntos, somos mais fortes

Numa cidadezinha do interior chamada Rio Alegre, havia um fazendeiro rico chamado Seu Raimundo. Na sua fazenda os empregados pegavam no trabalho bem cedinho, não usavam qualquer proteção. Lá, todos trabalhavam muito, descansavam pouco e, o pior, recebiam muito mal. Com uma situação tão difícil, os trabalhadores começaram a reclamar.

Um dia, na hora do almoço, Francisco, que também era empregado da fazenda, aproveitou para fazer uma proposta aos seus colegas:

– Acho que a gente devia falar com Seu Raimundo para mudar nossa situação. Precisamos melhorar nossas condições de trabalho, aumentar nosso tempo de descanso e receber um salário que dê pra viver melhor, que valorize nosso esforço!

Todos prestavam atenção em Francisco, quando João, que era o braço direito de seu Raimundo, interrompeu:

– Francisco, o que você está dizendo é mentira! Nosso patrão sempre tratou a gente muito bem e, se não fosse por ele, estava todo mundo desempregado.

Francisco logo respondeu:

– Você só fala isso porque não trabalha na plantação. Passa a maior parte do tempo na sede da fazenda.

Papo vai, papo vem, no final da reunião todos concordaram em falar para mudar

a situação, e ficou acertado que no dia seguinte, antes de começar a trabalhar, fariam com Seu Raimundo.

Na manhã seguinte, todos os trabalhadores se reuniram em frente à sede da fazenda. Seu Raimundo logo ficou de orelhas em pé ouvindo o grupo explicar direitinho as tais mudanças. Depois que disseram ao patrão as mudanças que queriam, o fazendeiro respondeu furioso:

– Vocês são uns ingratos! Dei trabalho a todos vocês e é assim que me agradecem? Se não estão satisfeitos, podem ir embora! Depressa eu consigo outros trabalhadores.

Ao ouvir as duras palavras de seu patrão, Francisco desabafou:

– Seu Raimundo, nós trabalhamos nesta fazenda desde os tempos do seu pai. O senhor não pode fazer isso com a gente. Vamos negociar!

– Negociar? Estão todos demitidos! Gritou seu Raimundo, sem querer acordo.

Após serem demitidos, cada um se virou como pôde, fazendo pequenos trabalhos. Mas a situação não ficou ruim somente para os trabalhadores demitidos. A fazenda de Seu Raimundo não ia muito bem, pois ele tentou por várias vezes novos empregados e não conseguiu, pois na região todos já sabiam que ele era um mau patrão.

Desesperado, Seu Raimundo deixou a fazenda de Rio Alegre de lado e foi se dedicar a outras propriedades longe dali.

Já Francisco, não parava de matutar uma solução para ele e todos os seus companheiros que perderam o emprego. Um dia, ao ver que cada um estava se arrumando como podia, nos pedacinhos de terra que possuíam, imaginou que juntos o grupo teria mais força. Foi então que ele fez uma reunião e propôs a criação de uma associação de moradores em

que cada um daria sua contribuição no trabalho, dividiriam os lucros da produção e teriam voz ativa para tomarem as decisões juntos.

Não demorou e já estavam todos organizados. Ninguém ficou de fora: homens e mulheres botaram a mão na massa e aproveitaram tudo o que sabiam da roça, da criação de animais e do artesanato. Agora sim, a comunidade conseguia ver o valor de seu trabalho e o poder que tem a união de todos.



Mudando as peças do jogo

Parecia mais um dia comum na turma da 4ª série da Escola Paulo Freire. Antes que a professora Anita chegasse, os alunos sempre aproveitavam esse tempinho livre. Muitos deles conversando, alguns correndo pela sala e outros tantos terminando a atividade da aula anterior. Depois que a professora chegou e organizou todos os seus materiais no birô, fez um sinal para que as crianças prestassem atenção. De nada adiantou. A conversa corria solta.

– Bom dia, classe! – saudou, então, a Professora Anita em voz alta.

– Bom dia, professora. Respondeu, finalmente, toda a turma.

Não demorou. Logo as crianças começaram a perguntar sobre como seria o trabalho do dia, marcado pela professora na aula anterior.

A professora fez a chamada e só depois ficou de pé para anunciar aos alunos:

– Hoje eu quero propor algo novo a vocês.

Nesse momento, todos ficaram em silêncio, sem piscar os olhos.

– Preciso da cooperação de todo mundo – continuou a professora Anita, que imediatamente foi interrompida por uma aluna:

– Conta logo o que é professora, pra que tanto mistério?

– Calma, deixe-me terminar! Hoje eu

quero que os grupos sejam diferentes. Vocês terão que se reunir com quem nunca fizeram trabalho antes.

Nesse momento a turma começou a ficar agitada, fazendo comentários baixinhos, que terminaram em reclamação geral:

– Só faço atividades com o meu grupo! Gritou um aluno.

– O meu grupo sempre vence, sempre faz os melhores trabalhos! Gritaram no fundo da sala.

– Isso é uma grande mentira, quem leva vantagem é sempre a gente! Rebateu outro grupo.

Na turma da 4ª série era assim. Os alunos só se preocupavam com eles mesmos ou com as pessoas do seu grupinho. Nunca ajudavam seus colegas e ainda faziam piadinhas com quem tivesse dúvidas. Enfim, a sala de aula era um espaço onde só havia desunião, egoísmo e competição.

Para acabar com a confusão, a professora Anita interrompeu dizendo:

– Crianças, a partir de hoje vocês terão de aprender a agir de modo diferente a partir de hoje. Aqui, devemos nos ajudar, respeitar os nossos amigos, construir o conhecimento juntos. Vamos esquecer esse negócio de só ajudar se ganhar alguma coisa em troca.

Com a reclamação da professora, os alunos ficaram morrendo de vergonha. Uns baixaram a cabeça, outros olharam para cima ou para os cantos da sala. O silêncio era total, até que um dos alunos criou coragem e resolveu falar:

– Professora, desculpa! A senhora tem razão. Não é certo pensar só na gente e esquecer os outros. Acho que todo mundo tem que se ajudar.

– O que a gente está esperando? Mãos à obra! Gritou outra aluna, toda empolgada.

Nesse momento, a turma toda deu gritos de alegria e bateram palmas. A professora Anita ficou muito feliz e orgulhosa com a atitude da turma e não perdeu tempo, começou logo a formar os grupos e distribuir os materiais para o trabalho. A união tomou de conta da sala e os grupos tiveram mil idéias. E o melhor disso tudo é que ninguém ficou parado, todo mundo participou um pouquinho.

Assim, depois desse dia, a turma da professora Anita nunca mais foi a mesma.



O dono da bola

Carlinhos, Paulo e Mauro moravam na mesma rua. Depois que chegavam da escola, almoçavam, faziam as tarefas de casa que traziam da escola e corriam para jogar bola com outros amigos da rua no final da tarde. Porém, todos os dias tinha confusão. O motivo para as brigas era sempre o mesmo. Carlinhos era o dono da bola e sempre ditava as regras do jogo ao seu gosto. Se não estava do jeito que ele queria, logo pegava a bola e ameaçava acabar com a brincadeira. Os seus amigos não concordavam com a atitude de Carlinhos, mas terminavam aceitando as condições impostas por ele.

Certa vez, por não suportar mais o jeito autoritário de Carlinhos, seus amigos tiveram a seguinte idéia: passar uma semana sem brincar com ele, para chamar sua atenção. A partir dali marcavam de se encontrar, mas não avisavam a Carlinhos.

Outro dia, quando jogavam bola de gude, Carlinhos chegou perguntando:

– Oi, pessoal! Vamos jogar bola?

Todos ficaram calados e nem ao menos olharam para ele. Paulinho, já irritado, insistiu:

– Eu estou falando com vocês! Alô!

De nada adiantou. Eles estavam decididos a dar uma lição no amigo. Carlinhos, sem querer ficar por baixo, logo disse:

– Então tá bom. É assim, né? Também não brinco mais com vocês.

Saiu chateado e sentou por perto. Mas quem disse que ele aguentou muito tempo? Não demorou e Carlinhos já começou a dar palpites e criticar seus colegas:

– Não é assim que se joga, está errado! Mauro, você é um perdedor! E você Paulo, não é de nada!

Mauro, não aguentando mais aquela situação, parou de jogar e desabafou

– Carlinhos, sabe por que resolvemos não brincar mais com você? Porque você não escuta ninguém. Só porque é o dono da bola, também quer ser o dono da razão.

Paulo completou:

– Você não lembra do que aprendemos na escola com a professora sobre Democracia?

– Lembro sim, mas e daí? Rebateu Carlinhos.

– Agimos de forma democrática quando garantimos o direito que todos nós temos

de participar nas decisões e respeitar a opinião dos outros – continuou Paulo.

– E você era quem sempre dava a última palavra. Disse Mauro a Carlinhos.

Carlinhos olhou para os seus amigos e, com a voz bem baixinha, disse:

– Desculpa, pessoal! Não notei que estava sendo tão egoísta. Daqui para frente

vou aprender a ouvir mais e considerar o que vocês dizem. E para começar, que tal a gente decidir rapidinho as regras da partida e correr para o campinho? Estou morrendo de vontade de jogar uma bolinha!

Então, todos se abraçaram e se mandaram para o campinho na maior euforia, cada um dando sugestões de como seria o jogo.



Quem planta, colhe

Dona Ana era uma senhora que morava sozinha em uma bela casa de varanda branca. Ela adorava flores e cultivava em seu quintal diferentes tipos, todas muito bonitas. As flores ficaram famosas na região, depois que aquela senhora passou a vender todas elas no mercado da cidade, aos sábados.

Bem disposta, Dona Ana acordava cedinho para cuidar do jardim. Sorridente e simpática era querida por todos no bairro.

– Como vai, Dona Ana? Perguntava Miguel, um garoto que sempre brincava próximo à sua casa.

– Vou bem, querido. Obrigada! Respondia de forma carinhosa a senhora.

– Está cada dia mais bonito o seu jardim! Elogiava o menino.

Luis, o leiteiro que passava todas as manhãs por ali, deixava a garrafinha com leite e sempre se admirava do jardim de Dona Ana.

– Bom dia! As flores da senhora estão mais lindas do que nunca.

– Bom dia, meu filho! É, estão sim, você tem razão, respondia ela toda orgulhosa.

– No próximo sábado farei uma boa venda! Pensava a simpática senhora enquanto regava suas flores.

Mas, o que Dona Ana não esperava era que o dia que havia começado tão

ensolarado terminasse com uma forte chuva, que se estendeu por toda a noite com forte ventania, raios e trovões.

No dia seguinte, uma triste surpresa: a água da chuva, junto com o vento, havia inundado todo o jardim, quebrado galhos, encharcado as flores e arrancado inúmeras pétalas.

– Oh, meu Deus, minhas flores! Exclamou Dona Ana desesperada ao ver seu jardim totalmente devastado.

– O que farei agora? Vai levar muito tempo pra reconstruir tudo novamente. Pensava ela completamente aflita.

Vendo sua angústia, Miguel e Luís logo se aproximaram para saber o que havia acontecido e se espantaram com o que viram.

– Que pena, Dona Ana! Disse Luís.

– É uma pena mesmo. Completou Miguel.

– Eu não sei o que fazer, pois vai demorar muito tempo para recuperar tudo isso sozinha. Disse a velinha com as mãos na cabeça.

– Tenha calma, Dona Ana! Podemos dar um jeito. Tenho certeza que a vizinhança ajudará. Podemos fazer um grande mutirão para replantar o jardim. Falou Miguel, que foi logo se prontificando como o primeiro a ajudar.

– Podemos, sim, nos reunir e fazer tudo muito mais rápido. Completou Luís, mostrando solidariedade.

No sábado todos chegaram cedo. Um vizinho havia convidado o outro e, assim, muita gente apareceu na casa de Dona Ana para ajudar a reconstruir o jardim. Alguns trouxeram carrinho de mão, outros chegaram com pás e enxadas. Com as dicas de Dona Ana, cada um fazia uma parte e, no final do dia, o que se via era o seu jardim totalmente replantado e limpo. Dona Ana era só alegria e se emocionava ao agradecer cada um pela ajuda.

Com o passar dos dias, as plantinhas começaram a brotar e, vendo tudo aquilo, Dona Ana pensou com ela mesma:

– Vou precisar de alguém para me ajudar daqui pra frente...

Depois de muito matutar, ela pensou que a pessoa certa seria Miguel, que, além de ser um ótimo garoto, era de uma família pobre. Dona Ana sabia que uma renda extra seria muito importante para ele e sua família e que essa seria a melhor forma de retribuir a grande ajuda que o menino deu quando ela mais precisou.



Nosso mundo, nossa casa

Em um belo sítio moravam Seu Valdemar, sua esposa, Dona Carmem, e o único filho do casal, Júlio. Lá eles plantavam e criavam muitos animais.

O menino adorava ouvir, toda manhã, o cantar dos pássaros que se abrigavam numa árvore enorme ao lado de seu quarto. Júlio achava todos os pássaros lindos, mas preferia um amarelo e azul, de penas arpejiadas na cabeça que sempre pousava em sua janela. Enquanto não o visse, o garoto não ia tomar o café da manhã.

Seu Valdemar, percebendo o amor do filho pelos pássaros, comentou com a esposa:

- Querida, na próxima semana nosso filho fará nove anos e, já que ele gosta tanto de pássaros, pensei em comprar um para ele. O que você acha?

- Acho ótimo, querido! Ele vai adorar. Respondeu Dona Carmem.

Uma semana depois, chegou o grande dia do aniversário. No café da manhã, Júlio teve uma bela surpresa: lá estava sobre a mesa uma linda gaiola, e dentro, o seu passarinho preferido.

- Viva, viva, viva! Dizia Júlio pulando de alegria.

- Parabéns, meu filho! Esse é o seu presente de aniversário. Disse o pai.

- Muito obrigado, papai! Agradeceu o garoto numa alegria só, enquanto corria para pendurar a gaiola em seu quarto, junto à janela.

Os dias se passaram e Júlio logo percebeu que seu passarinho não cantava como os outros e nem era tão alegre quanto aquele que sempre vinha à sua janela. Isso o deixou bastante intrigado. Sua tristeza era visível e sua mãe cuidou em perguntar:

- Por que você está assim, meu filho, tão tristonho?

- É porque meu passarinho não canta, mãe. Acho que ele está doente. Disse o garoto quase chorando.

- Deve ser falta de costume dele, querido. Não se preocupe! Depois você vai ver que ele começa a cantar. Confortou Dona Carmem.

Mas, nem as palavras de consolo de sua mãe adiantaram. Júlio continuava muito triste. Na escola, a professora também percebeu a mudança em seu comportamento e, quando terminou a aula, pediu ao menino que ficasse um pouco mais e foi logo perguntando:

- Júlio, o que há de errado com você? Não presta atenção às aulas, no recreio fica sempre pelos cantos e não brinca com seus colegas...

Júlio, tristonho, respondeu:

- É o passarinho que ganhei de meu pai. Ele parece estar doente, não canta. O pior é que eu nem sei por quê. Ele tem comida, água e uma gaiola bonita, mas está sempre triste. É diferente dos que cantam alegremente na minha janela todos os dias.

A professora, segurando sua mão, disse:

- Meu querido, muitas vezes só comida e água não são suficientes para que haja felicidade. Mesmo em uma gaiola bonita, seu passarinho está preso, não é livre como os outros e não pode voar. Certamente é por isso que ele está tão triste. Você já pensou nisso?

Júlio ficou confuso e a professora continuou:

- Veja: grande parte dos animais não se adapta ao homem. Precisa viver livre na natureza e nós precisamos respeitar. E isso vale para muito mais coisas, Júlio. Por exemplo, não podemos agredir o nosso

planeta, pois ele é a nossa casa. Você lembra que vimos isso em nossas aulas de ciências?

Júlio respondeu com a cabeça que sim e com um sorriso saiu disparado dizendo que já sabia o que fazer. Ao chegar em casa, pegou a gaiola depressa, correu para fora e abriu a pequena portinha. O passarinho imediatamente saiu e voou, voou e voou, cantando sem parar pelo céu azul.

Júlio olhou em volta e compreendeu o quanto era bom ter toda aquela natureza no seu quintal. Desse dia em diante, virou um defensor de sua preservação.



Todo mundo tem seu valor

Pedrinho adorava fazer pipas. Certa vez, ele caprichou e fez sua pipa mais bonita. Ela tinha as cores da bandeira do Brasil e, de tão bela que ficou, fez o maior sucesso entre seus amigos. Todos queriam ter uma igualzinha a dele.

- Pedrinho, Pedrinho, você faz uma pra mim? Perguntou Marcos.

- Eu dou o papel! Disse Marina.

- E eu a cola! Completou Paulo.

- Claro que eu faço! Respondeu Pedrinho, todo prestativo.

Em dois dias Pedrinho havia feito as pipas para todos. Agora só faltava encontrar os amigos para entregar os tão esperados brinquedos, um mais bonito que outro.

- Que bom que eu terminei. Agora vou entregar as pipas aos meus amigos para a gente aproveitar o vento que está bom para empiná-las, pensou o menino.

Assim, o pequeno artista saiu alegremente com as pipas coloridas na mão. No final da rua, morava um garoto, chamado Manoel, que sempre teve inveja das belas pipas que Pedrinho fazia. Ao avistar de longe todas aquelas maravilhas, imediatamente, Manoel pensou maldosamente:

- Vou tomar todas as pipas e ficar com elas para mim. Se ele quiser de volta terá que pagar por elas.

Quando Pedrinho passava, Manoel se aproximou e, fazendo-se de bom amigo, disse:

- Pedrinho, você me deixa dar uma olhadinha nas pipas?

- Claro que deixo, pode olhar! Respondeu Pedrinho, amigavelmente.

Quando Pedrinho entregou as pipas a Manoel, ele saiu correndo rua a fora gritando:

- Enganei você, seu bobo! As pipas agora são minhas e se você quiser de volta terá que pagar.

Pedrinho não sabia como contaria aos amigos o que acabara de acontecer. Sem nada nas mãos, ele seguiu para o encontro com os colegas. Quando chegou lá, todos perguntaram ao mesmo tempo:

- Pedrinho, onde estão nossas pipas? Você não fez?

- Fiz sim, mas o Manoel me tomou e disse que só devolve se a gente pagar por elas. Respondeu angustiado.

- E agora? Perguntou Marcos, apreensivo.

- O que faremos? Perguntou Marina, preocupada.

- Podemos ir a casa dele para conversar. Sugeriu Paulo.

Todos concordaram e seguiram para a casa de Manoel. Chegando lá, bateram na porta e foi o próprio quem atendeu.

- Olá gente, vocês vieram comprar as pipas? Perguntou Manoel, com ironia.

- Nós viemos fazer uma proposta. O

pessoal deu o material, eu fiz as pipas e, por isso, seria injusto pagar por elas. Você precisa valorizar o que as pessoas são e o que fazem. Isso se chama respeito pelo próximo. Então, vamos fazer o seguinte: se você devolver as pipas, eu faço uma para você. Propôs Pedrinho.

- Você faz mesmo? Mesmo eu não tendo dinheiro para pagar? Perguntou Manoel, surpreso.

- Faço sim! E você não precisa pagar nada. Confirmou Pedrinho.

- Ah, sendo assim, eu devolvo. Eu só peguei as pipas por não saber fazer uma tão

bonita, nem ter dinheiro para comprar, foi por pura inveja de vocês... Justificou o menino, envergonhado. E completou:

- Mas acabo de aprender com vocês que devo valorizar o melhor das pessoas e tentar também ser alguém com qualidades a oferecer. Disse Manoel com um tímido sorriso, enquanto entregava as pipas e pedia desculpas.

- Nós te desculparamos, disseram todos.

No dia seguinte a pipa estava pronta, linda como sempre. E a partir dali o grupo ganhava um novo amigo para empinar suas pipas juntos, com muita alegria.



valorização do ser humano

Vamos relembrar os princípios da economia solidária

Autogestão

Os trabalhadores tomam suas próprias decisões de forma coletiva e participativa. Não há mais submissos, nem patrão ou patroa.

Cooperação

Nos empreendimentos solidários os trabalhadores se unem para abolir a ideia de que são adversários, em vez de reforçar o ideal de competição presente nas relações sociais.

Democracia

A Economia Solidária preocupa-se em garantir a participação de todos nas decisões e com a partilha igualitária dos resultados.

Solidariedade

As pessoas estabelecem a união através da cooperação, buscando alcançar os objetivos em comum, apoiando suas causas, seus princípios.

Respeito à natureza

Relação harmoniosa com a natureza em função de garantir uma vida de qualidade. Nessa relação produzimos o que precisamos sem devastar o meio ambiente. Agindo assim estamos pensando nas gerações futuras e no equilíbrio dos ecossistemas.

Valorização do ser humano

Na Economia Solidária as pessoas são o mais importante, e não o lucro. Um dos seus objetivos é garantir a satisfação plena das necessidades de todos através de relações estabelecidas em laços fortes.

PROJETO **ESCOLA,
SOLIDÁRIA**



**ESCOLA MUNICIPAL
DOM HELDER**